

Trajétórias, Dilemas e Tensões da Colônia Espanhola no Amazonas (1901-1921)*

*Maria Luíza Ugarte Pinheiro***

Este artigo aborda o processo de deslocamentos de espanhóis para a Amazônia. Desde o período colonial, a região Norte do Brasil foi alvo de muitos movimentos migratórios, mas foi somente no último quartel do século XIX que o processo se acentuou, quando então grandes contingentes populacionais rumaram em direção à Amazônia, então mobilizada pelo imperativo da produção extrativa da borracha.¹ Com efeito, a borracha havia se tornado matéria prima estratégica para o desenvolvimento da indústria capitalista em expansão, o que determinou sua valorização no comércio internacional. Coube às elites econômicas e políticas locais, patrocinadas pelo capital estrangeiro, promoverem a montagem da infraestrutura básica para garantir o acesso ao produto, o que significava enfrentar os gargalos que se interpunham no processo produtivo, dentre os quais, despontava a escassez de mão-de-obra.²

Como consequência dessa nova configuração abriu-se um período de forte investimento, público e privado, motivando a entrada de imigrantes nacionais e estrangeiros, e gerando um processo sem precedentes de expansão demográfica que modificaria sensivelmente a face da Amazônia. O processo foi complexo e se desenvolveu em várias frentes e direções. Para os trabalhos na extração do látex,

* O presente artigo faz parte das reflexões do projeto que venho desenvolvendo como bolsista junto ao CNPq/CAPES.

** Professora da Universidade Federal do Amazonas. Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

espraiados pelo vasto sertão amazônico, foram mobilizados principalmente migrantes nordestinos, vindos prioritariamente dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Maranhão; enquanto para a estrutura gerencial, para os serviços urbanos, e atividades comerciais concentradas nas principais cidades amazônicas – notadamente Belém e Manaus – foram atraídos também, e principalmente, imigrantes estrangeiros. Manaus, *locus* dessa investigação, foi, assim, marcada pela presença de imigrantes vindos de diversas partes do globo que, por motivos distintos, acabaram encontrando na cidade um espaço de acolhimento e sobrevivência, mas também de reconstrução identitária advinda do imperativo da assimilação à uma nova ambiência cultural.

Adensada pela forte presença de imigrantes, as dimensões políticas, econômicas, sociais e culturais da capital amazonense ampliaram-se significativamente, gerando um espaço urbano dinâmico e complexo, já que constituído por múltiplas relações sociais, de indivíduos e grupos não apenas distintos, mas, por vezes, antagônicos.³ Nesse sentido, é nosso interesse desenvolver uma reflexão inicial sobre os espanhóis que se deslocaram para o Amazonas durante a expansão da economia gomífera, que acabaram por se concentrar de forma mais sistemática na cidade de Manaus, capital do Estado e um dos mais importantes entrepostos comerciais da borracha no período.⁴

A análise da imigração espanhola para o Amazonas ainda não recebeu o tratamento analítico adequado por parte da historiografia regional, que a registrou, quase sempre, como mero dado estatístico, diluída no contexto mais geral da imigração estrangeira do período.⁵ Pretendemos explorar as dimensões de sua diversidade étnica, as ações e atividades que, empreendidas na cidade, estruturaram o processo de integração e assimilação dos espanhóis no interior da sociedade amazonense, procurando assim avaliar sua importância no contexto sociocultural naquele Estado. Em especial, queremos perceber como os próprios imigrantes

espanhóis pensaram essa integração e assimilação no contexto amazônico e a traduziram em jornais que a própria comunidade fez circular na cidade nas duas décadas iniciais do século XX.

Destinados prioritariamente aos leitores espanhóis (de seu país de origem e da colônia amazonense), tais periódicos voltaram suas atenções para problemas e questões que afligiam especialmente esse segmento étnico, sendo, portanto, fundamentais para o estudo dos problemas, dilemas, demandas, aspirações, interesses e expectativas desta comunidade de imigrantes em Manaus. Acompanhando José de Souza Martins, nossa análise também se preocupará em tratar diferentes nacionalidades de forma distinta, levando em consideração o período e os países para os quais essas pessoas se deslocaram, além de averiguar as circunstâncias dessas travessias e as cidades onde se localizaram esses imigrantes.⁶

O período que vai do final do século XIX às décadas iniciais do século XX constitui momento rico para o estudo da imigração no Brasil, já que a dinâmica socioeconômica do país, marcada tanto pela crise do modelo escravista, como pela dinamização econômica pautada numa nova divisão internacional do trabalho, propiciou a entrada massiva de imigrantes estrangeiros, dentre os quais despontaram italianos, portugueses e espanhóis.⁷

Uma das explicações para o fenômeno do deslocamento em massa de europeus para a América (e para o Brasil) está fundamentada nas profundas transformações pelas quais passava a Europa, em especial pelo fato do desenvolvimento do capitalismo ter avançado sobre áreas rurais e, em consequência, ter deixado milhares de camponeses sem trabalho. Outras se referem ao comportamento agressivo desempenhado pelo imperialismo na América Latina e ainda ao crescente desenvolvimento tecnológico que “resultou na revolução dos transportes, diminuindo a distância entre os continentes, com a navegação a vapor”.⁸ Ismênia Martins assevera que a “imigração se transformou

em um grande negócio”, unindo interesses que iam da marinha mercante, passavam pelas companhias de navegação e chegavam à formação de uma “rede de agente locais que investia no assédio à população pobre, sobretudo camponesa, para mediar a emigração”.⁹ Já Josep Buades, referindo-se especificamente à emigração espanhola para as Américas, destaca que:

(...) foi um fenômeno com múltiplas causas, as razões econômicas predominaram. No entanto, também houve um fluxo migratório notável devido a exílios políticos. A conturbada história do século XIX espanhol provocou contínuas saídas de exilados, que temiam represálias pela sua militância passada. A imposição do serviço militar obrigatório também motivou algumas migrações. Para as economias familiares, resultava numa penosa carga ter de perder por vários anos o trabalho agrário dos homens jovens.¹⁰

Mesmo com intensidades diferenciadas, o fenômeno de atração de imigrantes atingiu também outras áreas do país que estavam sendo dinamizadas pela expansão capitalista. Na Amazônia, a borracha havia, desde 1880, transformando-se no segundo produto mais importante da pauta de exportações brasileiras, e isso significou um deslocamento dos interesses do capital em direção à região, visando tanto o controle gerencial do processo produtivo, quanto o franco acesso àquela matéria prima.¹¹ A consequência direta desse processo foi que, centralizando as ofertas de borracha, os Estados do Pará e do Amazonas dinamizaram não apenas suas economias, mas também um processo de urbanização e modernização sem precedentes, abrindo oportunidades de trabalho e renda, logo percebidas pelos países europeus, empenhados que estavam em exportar seus “excedentes populacionais”. Conforme argumentou Eric Hobsbawm, a modernização capitalista das principais economias europeias desestruturou a tradicional produção agrária, concentrando terras e marginalizando parcela significativa de trabalhadores rurais¹² que, despossuídos, se viram como rejeitados em seus próprios países. O que os impulsionava a partir era o desejo de *‘fazer a América’*, na esperança de ganhar o suficiente, (...) comprar uma propriedade

ou uma casa e, (...), adquirir o respeito dos vizinhos em alguma aldeia siciliana, polonesa ou grega.”¹³ A situação descrita por Hobsbawm destaca a íntima relação da condição de imigrante com o trabalho, sendo este, ao fim e ao cabo, o elemento definidor do que vem a ser o imigrante, conforme salientou Abdelmalek Sayad: “Um imigrante é, essencialmente, uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”.¹⁴

Se é certo que na Europa havia desassossego pela falta de trabalho,¹⁵ é certo também que havia esperanças em uma vida diferenciada além-mar, como mencionou Hobsbawm. Do outro lado do Atlântico, emergiam imagens poderosas de oportunidades de emprego e de facilidades e farturas sem fim. No Norte do Brasil, um propagandismo nada escrupuloso chegou a revitalizar míticas imagens do *El Dorado*, agora associado ao ambiente de extração do látex em meio à floresta tropical. Em paralelo, os governos dos Estados do Norte investiram pesados recursos em projetos urbanísticos que, inspirando-se em Paris, baniam referências do passado regional, calcado nas imagens da natureza e dos povos indígenas. Exemplo extravagante e ambicioso, em 1896, Manaus inaugurou um teatro monumental, vitrine maior do sucesso de sua transição em direção ao futuro. Contextualizando o momento a partir de uma perspectiva global, Hobsbawm comenta:

Mas se o progresso era tão poderoso, tão universal e tão desejável, como explicar essa relutância em acolhê-lo ou mesmo em participar dele. Seria simplesmente o peso morto do passado, que gradual, desigual, porém inevitavelmente seria tirado dos ombros daquelas parcelas da humanidade que ainda se dobravam sobre seu peso? Em breve seria erguida uma ópera, aquela catedral característica da cultura burguesa, em Manaus, 1600 quilômetros acima da foz do Amazonas, no meio da floresta equatorial primitiva, com os lucros do *boom* da borracha, cujas vítimas indígenas sequer teriam, lamentavelmente, oportunidade de apreciar *Il Trovatore?*.¹⁶

Com efeito, até aproximadamente 1870, Manaus não passava de um lugarejo acanhado e desprovido de atrativos, com uma parca população, majoritariamente

constituída por indígenas, em meio a parcelas menos expressivas de mestiços e brancos, alguns dos quais estrangeiros.¹⁷ A conjuntura especial propiciada pela borracha foi paulatinamente modificando essa fisionomia da cidade e também a composição de seus habitantes. Na virada para o século XX, Manaus floresceu e seu espaço urbano se transformou, emergindo uma infinidade de prédios públicos e melhoramentos urbanos que agora a apresentavam como ‘vitrine do progresso’.¹⁸ Ampliaram-se também os serviços de abastecimento de água potável, tratamento de esgotos e transportes coletivos, dentre outros. Da mesma forma, a cidade presenciou pioneiramente a introdução de tecnologias de ponta, como a iluminação elétrica, linhas de bondes movidas à eletricidade, além de telégrafo e sistema de telefonia.

A urbanização de Manaus dinamizou o comércio e abriu postos de gerenciamento tanto na burocracia estatal que se ampliava quanto no sistema privado, sendo comum, neste último caso, que firmas estrangeiras concessionárias dos serviços públicos buscassem pessoal qualificado em seus próprios países. De forma bem diversa do que ocorrera na segunda metade do século XIX, o visitante estrangeiro que chegava a Manaus, tendia a exaltá-la, registrando com entusiasmo e satisfação os avanços da civilização nos trópicos.¹⁹

Nesse contexto de transformações modernizadoras, a política de incentivo à imigração estrangeira buscou responder não apenas à falta crônica de mão de obra especializada, necessária aos empreendimentos urbanos, mas também fortalecer posturas ancoradas nas ideias eugênicas que estavam em voga no país²⁰ e que haviam penetrado no imaginário das elites dirigentes amazonenses como uma possibilidade de ‘melhorar a qualidade’ da população amazônica.²¹

Foi a partir dessa conjuntura que se buscou trabalhadores que possuísem níveis educacionais elevados e maior qualificação técnica, pois a economia gomífera necessitava de quadros técnicos capazes de atuar nas atividades de

financiamento, transporte, comercialização e aperfeiçoamento do produto e da produção. Não foi, todavia, o que ocorreu, já que a imensa maioria do contingente populacional estrangeiro que se deslocou para o Amazonas não apresentava os níveis desejados de qualificação técnica e ou educacional.

Os números gerais acerca da entrada de imigrantes na Amazônia na virada do século XIX para o XX são bastante rudimentares e imprecisos, mas dão a medida de sua grandiosidade. Celso Furtado calculou o contingente entrado na região entre os anos de 1872 e 1910 em pelo menos 500.000.²² Embora o destino final pretendido fossem as áreas de extração do látex nos diversos e longínquos seringais incrustados na selva, parte significativa desses imigrantes engrossaram as fileiras de indivíduos pauperizados que passaram a vagar pelas cidades da região. Com relação especificamente à imigração espanhola para a Amazônia, as primeiras referências estão relacionadas ao século XIX e ligadas ao governo do Pará, que objetivava incentivar a colonização em áreas consideradas pouco povoadas e a construção da estrada de ferro de Bragança. Ressalte-se que a quase totalidade dos estrangeiros que participaram desses empreendimentos era composta por espanhóis.²³

Espanhóis foram também empregados na construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré. Segundo Francisco Foot Hardman, “foram importados, entre 1907 e 1912, 21.817 trabalhadores, de cerca de cinquenta nacionalidades diferentes...”,²⁴ predominando antilhanos, barbadianos e espanhóis, mas também contando com número alto de portugueses, gregos, italianos e franceses.²⁵ Os trabalhos de construção da ferrovia foram marcados por problemas e conflitos, deles dando ciência a crônica jornalística de Manaus e Belém. Assim, uma reportagem realizada em 1908 abordava o drama vivenciado por nada menos que 300 espanhóis, que haviam embarcado no vapor norueguês *Amanda*, em Cuba, com destino ao rio Madeira, exatamente para trabalhar na ferrovia. Aportando em

Belém, para manutenção, muitos espanhóis, tomados pelo desespero e pelo arrependimento, lançaram-se ao mar – alguns sem saber nadar –, sendo recolhidos por embarcações que estavam nas proximidades. O caso veio a público, provocando conflitos entre os consulados americano e espanhol e o governo brasileiro. Uma vez em terra, os espanhóis denunciaram maus tratos sofridos durante a viagem e informaram que “foram iludidos na sua boa-fé, por promessas que acabam de ver não passam de embustes bem urdidos com o único fim de conseguir o embarque”.²⁶ A *Sociedade União Hespanhola de Socorro Mútuos do Pará*, conjuntamente com o consulado espanhol em Belém tomaram a frente do processo, conseguido “fazer desembarcar cento e noventa e nove das vítimas”.²⁷

Restringindo a abordagem à capital amazonense, os números de imigrantes são menores, mas ainda assim significativos: Em 1872, havia, em Manaus, 29.334 habitantes; em 1890 esta cifra subiu para 38.720, para dez anos depois (1900) alcançar a marca dos 52.040.²⁸ Em 1907, a população da cidade era calculada em 60.000 habitantes, sendo pelo menos 10.000 estrangeiros (portugueses, espanhóis, italianos, ingleses, franceses, alemães, venezuelanos, colombianos, etc.). Sobre os estrangeiros em Manaus, o sanitarista Hermenegildo de Campos registrou que a maior colônia era constituída por portugueses e “em segundo lugar a dos espanhóis, avaliada em 1.400 a 1.500” pessoas.²⁹

Na composição da população de Manaus predominava “o elemento masculino”, pois a imigração familiar e mesmo de mulheres foi pequena. Houve exceções, segundo Samuel Benchimol, os judeus desenvolveram uma “migração familiar, acompanhada de mulher e filhos”.³⁰ Embora a imigração familiar e de mulheres sozinhas tenha sido muito pequena, elas estiveram na região e, mesmo que em número reduzido, deixaram impressas as suas marcas. A imigração espanhola para o Amazonas manteve esse padrão, já que nas primeiras décadas do

século XX as mulheres representavam apenas 12% da comunidade espanhola na capital do Estado, sendo bem mais raras no interior.³¹

O impacto desses imigrantes no contexto manauara foi significativo e sua importância extrapolou em muito o mero dado estatístico. Uma vez em Manaus, os espanhóis assumiram diversas funções. Ocuparam posições no comércio local e no serviço público: trabalharam como amanuenses, caixeiros e carregadores do porto; abriram grandes e pequenos empreendimentos como firmas aviadoras, mercearias, padarias, casas de secos e molhados, armarinhos e lojas de ferragens. Estiveram ainda presentes no universo mais árduo do trabalho das fábricas e oficinas, no comércio formal e informal e nas empresas concessionárias dos serviços públicos. À exceção dos ingleses, que em Manaus primaram, em grande medida, pela construção de espaços restritos à sua comunidade de origem e pela manutenção de posturas de afastamento frente à sociedade local, a maioria dos estrangeiros buscou interagir com a comunidade e mesmo nela integrar-se.³²

A presença de espanhóis no mundo do trabalho em Manaus foi particularmente importante, já que, partilhando a cidade com os locais e com os migrantes nacionais recém-chegados, vindos principalmente do Nordeste, os estrangeiros, por suas experiências e contatos com as reivindicações e lutas populares de seus países, agregaram valor aos movimentos sociais amazonenses e às suas lutas por direitos e melhorias nas condições de vida e trabalho. Destes imigrantes saiu gama expressiva de militantes anarquistas e socialistas, que exerceram na cidade forte influência entre o operariado local, dentre eles, o socialista espanhol Joaquim Azpilicueta. Qualificando o debate e as lutas que começavam a se esboçar no cenário local, tais lideranças fizeram isso tanto por meio de ações diretas de enfrentamento quanto pelo propagandismo da imprensa operária amazonense.³³

Em um cenário conflagrado, em que emergiam importantes dissensões entre os trabalhadores, o gráfico espanhol Joaquim Azpilicueta, originário da cidade de Pamplona, em Navarra, emergiu como uma importante voz contemporizadora, se dizendo contrário à “luta entre os operários”, por entendê-la como “inglória, prejudicial e contraproducente”, sendo, no entanto,

(...) completamente solidário com todos os que queiram concorrer à futura transformação social, dentro da evolução, chamem-se socialistas de Estado – grupo a que pertenco –, coletivistas ou sindicalistas.³⁴

A atuação na imprensa e pela imprensa foi também pedra de toque para a organização e defesa dos interesses das comunidades estrangeiras em Manaus. Nela os espanhóis imprimiram significativas marcas. Uma imprensa produzida por e para imigrantes³⁵ tomou acento, desde cedo, no cenário amazonense, já que no período compreendido entre 1893 e 1923, foram ali publicados pelo menos 25 jornais ligados às comunidades estrangeiras, seis deles pela colônia espanhola: *El Hispano-Amazonense* (1901); *La Voz da España* (1901-1907); *Centro Español* (1902-1903); *La Union* (1903); *El Español* (1903) e *El Hispano-Amazonense* (1918-1921).³⁶

O processo de organização das comunidades estrangeiras em Manaus não apenas favoreceu e determinou a produção de uma imprensa comunitária, como também criou agremiações e associações com o intuito de fortalecer interna e externamente os laços identitários e de solidariedade entre seus integrantes. Tanto os jornais quanto as agremiações buscaram estreitar laços com seus países de origem, construindo redes de solidariedade para resolução dos problemas comuns que os atingia. Em todo o período analisado, foi comum acompanhar na imprensa espanhola queixas relacionadas à carência de moradias, à falta de emprego, à uma alimentação cara e escassa, além de uma rotina de doenças e epidemias.

Embora os espanhóis tenham se constituído na segunda maior colônia de estrangeiros radicada em Manaus, pouco se conhece de sua história, sendo ainda

mais difícil acompanhar a vivência dos segmentos mais populares. Essa pouca visibilidade nos leva a recorrer a fontes que, muitas vezes, os flagram em atitudes consideradas conflitivas e transgressoras.³⁷ Com relação aos espanhóis de melhor condição social, podemos rastreá-los através dos diários da imprensa local, em colunas que tratavam de política, economia e da vida em sociedade, nos periódicos voltados para suas comunidades de origem, nas atas e documentos da Associação Comercial e das associações beneficentes que criaram, além de referências esparsas de viajantes e memorialistas. Neles, é possível vê-los e encontrá-los à frente de pequenos comércios e empresas e de instituições e órgãos beneficentes de destaque na cidade:

Não se pode olvidar o papel representado por famílias e empresários espanhóis que atuaram na Amazônia, no princípio do século, e durante o ciclo da borracha. (...) Os espanhóis e seus descendentes, tanto os de Belém quanto os de Manaus, ou do interior, tiveram bom desempenho, direta ou indiretamente, por meio dos seus descendentes bolivianos, peruanos e colombianos, durante esse ciclo nas praças de Iquitos, Letícia, Guajará-Mirim e Cobija, que foram, naquela época, importantes empórios e portos fluviais de exportação de borracha.³⁸

A comunidade espanhola, ao contrário da portuguesa,³⁹ parecia possuir uma realidade diferenciada nos primórdios de sua instalação em Manaus, enfrentando diversos problemas internos, que em muito dificultaram sua organização e coesão para o enfrentamento de uma nova vida num outro país. Com efeito, os diários da cidade e os próprios periódicos da colônia noticiavam diversos conflitos, como, por exemplo, o relacionado à escolha da representação consular no Amazonas. Assim, em 1905 a *Sociedad Union Española* convidou seus integrantes para uma reunião cujo objetivo era “*protestar del pleno atropelo de que fuemos victimas en nuestros derechos de Españoles con el nombramiento de un vice-consul contra nuestra voluntad soberana...*”.⁴⁰

As querelas com patrícios foram comuns, principalmente entre aqueles que tencionavam destacar-se como lideranças no seio da comunidade. Exemplo maior

de tais entreveros foram os ocorridos entre o trabalhador gráfico Joaquim Azpilicueta, com grande influência no seio do operariado amazonense, e o empresário Julio Minuesa Merchan, vinculado a associações beneficentes e repatriadoras espanholas e proprietário do jornal *La Voz de España*. Enquanto Azpilicueta expressava-se por meio de sua coluna *Cosas de España*, utilizando-se do pseudônimo *Navarro de Pamplona*, Merchan respondia através de panfletos que, algumas vezes, acompanhavam seu jornal, assinando como *El Madrileño de Vallecas*.

Pela leitura dos jornais, foi possível detectar entre as lideranças espanholas um fenômeno que não encontramos para outras comunidades estrangeiras radicadas na cidade. Trata-se do largo uso de pseudônimos que as lideranças espanholas de Manaus lançaram mão, quase sempre referenciando suas cidades e regiões de origem. Para nós reside aí uma pista importante para a compreensão dos conflitos internos, estando estes relacionados a disputas étnicas e nacionalistas ainda vívidas entre os espanhóis e que, uma vez deslocados para a Amazônia, transpuseram aquelas tensões e conflitos para o outro lado do Atlântico, fazendo com que a comunidade espanhola fosse, pouco a pouco, adquirindo fama de turbulenta. Em matéria veiculada em junho de 1905 e dirigida aos integrantes da comunidade espanhola, um importante jornal de Manaus denuncia a escalada de violência no interior da comunidade, informando que “*nesta luta terrível entre os seus patrícios... tem havido assassinatos nas esquinas e envenenamentos no meio da rua; navalhadas à luz do sol e tiros à meia noite...*”.⁴¹ Com efeito, naquele momento a comunidade demonstrava estar visivelmente fracionada, disputando espaços de poder e reagindo à recente escolha do vice-cônsul espanhol em Manaus. Os jornais da colônia passaram a reverberar o conflito, disseminando denúncias e xingamentos.⁴²

Os desentendimentos ocorridos no seio da comunidade tornavam difícil, mas não impossível, a unidade da colônia espanhola e a construção de projetos comuns. Os espanhóis criaram espaços de sociabilidade e movimentos de

solidariedade voltados para o amparo dos membros mais fragilizados da comunidade. Criaram instituições assistencialistas, repatriadoras e de socorros mútuos que, além de tentar manter a comunidade unida, prestaram sensível apoio aos patrícios que caíram na miséria e na indigência. A ideia da manutenção da unidade veio principalmente pelos empreendimentos jornalísticos, como foi o caso, por exemplo, do *La Voz de España*, fundado e dirigido por Júlio Minuesa Merchan e José Diaz Lopez. Sendo um dos primeiros jornais da comunidade, o *La Voz de España* tinha o claro propósito, não apenas de ‘falar para ela’, mas também, e acima de tudo, ‘falar em nome dela’. Em um de seus primeiros artigos – *Unámonos* –, externava as preocupações com o marasmo e desunião da comunidade, finalizando com a conclamação para que os espanhóis despertassem do sono profundo em que jaziam.⁴³

Dentre os fatores que motivavam a imprensa de imigrantes no Amazonas estava o de manter vivos os vínculos identitários, tornando fundamental a tarefa de aproximar cada vez mais a colônia com os temas e as questões que animavam cotidianamente a vida na Espanha. O jornal seria, portanto, um elemento de ligação e de mediação, que viabilizaria a adequada circulação de informação, produzindo um diálogo contínuo entre os dois lados do Atlântico. Funcionavam, portanto, como “portos flutuantes”, para usar a bela expressão de Benjamin Abdala Jr e Marli Scarpelli.⁴⁴ Essa questão fica bastante clara por ocasião da criação do *La Voz de España*, quando o editor do periódico afirma que a intenção era:

(...) de procurar por medio de él progreso de su Colonia hermanando a todos, defendiéndola ao mesmo tempo de todo y cualquier abuso que por desgracia pueda sufrir; poniéndola también al corriente del movimiento administrativo e comercial de nuestra querida Patria.⁴⁵

Mesmo durante os momentos em que os lucros auferidos pela borracha foram grandes, o Amazonas e sua capital não demonstraram condições de fornecer, trabalho, moradia e uma vida digna à altura dos sonhos da maioria

daqueles que nela aportavam. A grande maioria dos que conseguiam empregos, recebiam salários baixos, que não os permitiam viver decentemente,⁴⁶ e aqueles que não conseguiam trabalho, perambulavam pela cidade, sem rumo, sem alimento, e principalmente, sem condições de retornar às suas cidades de origem. Muitos foram os que, nacionais ou estrangeiros, adoeceram por causa da fome ou de doenças e que, sem amparo, largavam-se como indigentes, sendo posteriormente recolhidos aos hospitais da cidade.⁴⁷

Para fazer frente a situações como estas, diversas comunidades, nacionais e estrangeiras passaram a empenhar-se na criação de instituições que pudessem dar algum tipo de suporte a seus membros. Até o final do século XIX em Manaus, este movimento associativo parece ter sido mais forte entre as comunidades de nordestinos radicados na cidade. Já, em 1893, os maranhenses convocaram sua comunidade para a reunião de criação da Sociedade Beneficente Gonçalves Dias,⁴⁸ e em 20 de setembro de 1896, os cearenses fundaram a Sociedade Beneficente Cearense tendo a aprovação de seus estatutos pelo governo no ano seguinte. Estruturavam-se claramente como entidades assistencialistas.⁴⁹

O pioneirismo, contudo, coube aos portugueses que, já em 1873, tomaram a iniciativa e contribuíram para a criação de um dos mais importantes centros de acolhimento de enfermos e de saúde da cidade: a *Sociedade Beneficente Portuguesa do Amazonas*, instituição com fins caritativos que tinha como meta atender, para além dos seus associados, todos aqueles que demandassem seus préstimos. Anos depois (1908), os portugueses fundariam ainda a *Lusitânia Repatriadora*, cujo objetivo maior era repatriar portugueses que se encontrassem no Amazonas em situação de extrema penúria e indigência.

Os espanhóis de Manaus também seguiram este caminho, empenhando-se na criação de instituições que pudessem prestar ajuda aos membros de sua comunidade. Na pesquisa empreendida até o momento, encontramos algumas

instituições de beneficência por eles criadas em diferentes momentos. A primeira datou de 1902, momento em que a comunidade fundou o *Centro Español*, que propunha em seus estatutos “*dispensar los socorros de que carezcan los socios indigentes, en caso de enfermedad ò muerte y quando á su juicio y sus fondos lo permitan*”.⁵⁰ Pelos registros documentais, percebe-se que o *Centro Español* se manteve ativo, pelo menos, até o ano de 1914.

Em 1905, encontramos referências sobre o funcionamento de duas outras sociedades espanholas: a *Sociedad La Union Española*,⁵¹ que parecia já estar instalada há algum tempo, e a *Sociedade Hespahbola de Beneficencia Cervantes*, recém-criada e cuja junta provisória era composta por Manoel Parada Corbacho (presidente), Francisco Barroso (vice-presidente), Joaquim Azpilicueta (1º Secretário) e Manoel Groba Pampillon (tesoureiro), além dos vogais Angel Perez Caballero e Jesus Rodrigues.⁵² A última instituição de que tivemos informação foi a *Sociedade Espanõla de Socorros Mutuos*, criada em 28 de maio de 1916, que funcionou até 1966.⁵³

Seria um erro achar que a vivência espanhola em Manaus fosse marcada apenas por dramas e histórias de insucesso a requerer a formação de instituições filantrópicas. Seus membros criaram também agremiações e sociedades voltadas para o entretenimento esportivo e social. Já em 1901, o jornal *La Voz de España* noticia que: “(...) *debe estrenar-se en el próximo domingo la Plaza de Toros que se esta construyndo en el Parque Aurora. En el próximo número nos ecuparemos detenidamente del grupo tauromaquio que debe tomar parte en la primera corrida*”.⁵⁴

Em 1919, as *Sociedade Espanhola Recreativa* e *Union Sportiva Espanhola*, dentre outras atividades, promoviam disputadas partidas de futebol com times nacionais e estrangeiros, como podemos observar na publicação pelas colunas jornalísticas: “As dezesseis e meia horas, no campo Coronel Ramalho, haverá um *match de football* entre o terceiro *team* do Luso Sporting Club e a Union Sportiva Hespahbola”.⁵⁵

No âmbito das programações recreativas animadas pela colônia espanhola da cidade, constavam espetáculos para todos os gostos e voltadas para as crianças e famílias: ventríloquos, apresentações circenses e de peças teatrais, além de cantores e dançarinas que atuavam pelos teatros e cafés da cidade. Havia ainda a projeção de filmes de companhias e participantes de nacionalidade espanhola. Em 1905, a empresa Juca de Carvalho convidada o público para assistir no Teatro Amazonas, a *Grande Companhia Hespanhola de zarzuelas e operetas*, dirigida por D. José Garrido.⁵⁶ O *Club dos Terríveis*, que funcionava no afamado *Café dos Terríveis* – espaço de reconhecida concentração de intelectuais e boêmios da cidade –, convidava a população para assistir sua badalada programação noturna, que podia incluir, por exemplo, a apresentação de uma dançarina espanhola: “Continua a merecer a preferência dos que a noite procuram uma distração alegre e distinta, o *Club dos Terríveis*. Domingo, o placar dessa agremiação anuncia a festa *d'onore* da dançarina hespanhola *La Rotendá*”.⁵⁷

Faziam também parte das reuniões da comunidade espanhola de Manaus as festas de conagraçamentos patrocinadas por seus sócios mais proeminentes econômica e socialmente, além das festividades ligadas às datas históricas, ou, ainda, do aniversário de algum membro da família real. *A Sociedad Española de Socorros Mutuos* e *Sociedad Española Recreativa e de Beneficenza*, por exemplo, celebravam efusivamente a data natalícia de seu rei, com programações que contavam com o comparecimento das autoridades governamentais e de membros não espanhóis da sociedade manauara. Segundo um periódico local, em um desses eventos de pompa ocorridos na *Sociedad Española Recreativa e de Beneficenza*, depois dos discursos solenes de praxe “a sessão foi encerrada com os hinos espanhol e brasileiro, seguindo-se a *soirée* dançante, (...). Não menos deslumbrante foi a festa da *Sociedad Española de Socorros Mútuos*.”⁵⁸

Eram ainda motivos para comemorações os momentos relacionados a nascimentos, batizados, aniversários e casamentos de membros das famílias abastadas da comunidade, que faziam reverberar tais eventos pelas colunas sociais do período, como foi o caso do casamento de Felisa Concha Peña, com o dono da Firma Fontenelle, proprietário em Manaus, dos cinemas Odeon, Politeama e Alcazar.

Felisa Peña é filha do coronel do exército hespanhol D. Juan Peña Villa Senór, que se distinguiu por inúmeros feitos e grande bravura em prol da sua pátria, tendo conquistado, entre outras condecorações, a gran-cruz de São Hermenegildo, pelo rei da Hespanha. Foi companheiro de armas do celebre caudilho hespanhol general Fajardo, tendo pertencido ao Real Corpo de Alabardeiros.⁵⁹

Como já afirmamos em outro momento, foi mais difícil acompanhar a vivência dos segmentos mais populares, já que, em geral, não deixaram registros próprios de suas presenças. Quando aparecem referenciados na imprensa, frequentemente estão associados a atitudes consideradas transgressoras por parte das autoridades locais. Assim, é, em geral, por meio de colunas como “coisas policiais”, “os buliçosos”, “gentes da arrelia”, etc., veiculadas pelos diários locais, que podemos observar a presença e os conflitos vivenciados por espanhóis que partilhavam uma condição de subalternidade e que no exercício de seus ofícios, ou mesmo nos seus momentos de lazer e descontração, acabavam envolvidos em algum tipo de distúrbio ou confusão, que terminavam muitas vezes, nas delegacias, como a briga ocorrida em um quiosque da praça do Comércio, entre o carregador espanhol Pedro Gomes e o cozinheiro português Antônio Afonso Torres motivada por desentendimentos relacionados a jogos de azar.⁶⁰

A comunidade espanhola que se estabeleceu em Manaus no início do século XX passou a ser incluída nos antigos e novos ofícios que passaram a compor o cenário urbano da cidade. Alguns poucos, dotados de algum capital, estabeleceram-se como proprietários e comerciantes no abastado comércio de importação e

exportação; outros espraíram-se pelos setores médios urbanos, ocupando cargos técnicos na burocracia estatal ou atuando como médicos, advogados ou engenheiros. A imensa maioria dos espanhóis, porém, fazia parte da classe trabalhadora, exercendo ofícios diversos como os de sapateiros, padeiros, pedreiros, carregadores, cocheiros, gráficos, alfaiates, catraieiros, estivadores, vendedores ambulantes e caixeiros, além de trabalharem em atividades dos setores industrial, comercial e do mais amplo e obscuro setor informal. Em muitos anúncios publicados por potenciais empregadores, é possível perceber uma preferência por trabalhadores estrangeiros, em especial portugueses ou espanhóis.⁶¹

Com relação à mulher espanhola, tanto nos jornais da colônia quanto na imprensa nativa, as referências são mais difusas, mas é possível argumentar que elas eram requeridas com mais frequência para serviços domésticos, ofícios relacionados à moda ou a confecção de roupas, costuras e bordados, conforme demonstram os avisos veiculados pelos jornais.⁶² A iconografia, as propagandas e os anúncios dos jornais do período permitem visualizar essas mulheres no exercício de suas funções. Foram criadas, cozinheiras em casas de famílias mais abastadas e pensões da cidade, amas de leite, lavadeiras, vendedoras, costureiras que atuavam em seus domicílios e nas lojas de artigos de luxo, em especial, nas lojas destinadas ao consumo feminino: “Avisos úteis: Modista Espanhola: trabalha por figurinos e confecciona para senhoras e crianças, Rua Demétrio Ribeiro, 16”.⁶³

Mulheres da comunidade espanhola também apareciam com frequência nos registros das ocorrências policiais, quase sempre como vítimas da dominação e da violência masculina. Traduzindo o movimento das delegacias, os jornais acabavam por referenciar os atos de violência contra as mulheres com maior ou menor discrição e respeito em função da condição social das vítimas. Ponderado e discreto quando se tratava de mulheres ligadas a famílias abastadas; jocoso e sensacionalista e/ou preconceituoso quando se reportavam a mulheres de

condição subalterna, como é o caso da nota “Tem a língua quente”, veiculada na coluna “Coisas Policiais do Jornal do Comércio”, que informava: “Augusto Pinto deu queixa na primeira delegacia contra a espanhola Rosa de tal que constantemente o insulta. A tagarela foi admoestada.”⁶⁴

O infortúnio feminino caminhou ainda para outras dimensões, pois com o *boom* da borracha e a conseqüente expansão urbana, Manaus passou a ser uma cidade muito atrativa também para ao comércio do corpo, recebendo prostitutas estrangeiras e nacionais que vinham em busca de ganhar a vida. Neste universo obscuro, em que também estão referenciadas práticas da escravidão branca,⁶⁵ as espanholas também se fizeram presentes, atuando nos diversos bordeis, pensões e cabarés que proliferaram na cidade e agitaram sua vida noturna:

Etelvina Valles, espanhola, consoante o costume de sua terra, gosta extraordinariamente, não só de assistir como também de fazer *touradas*. Ontem, na casa à avenida Silvério Nery, n. 183, *campo* escolhido por Etelvina para suas recreações *tauromáticas*, esta lidou magníficos *touros*, na sua maioria compostos de roupas brancas, saias e corpetes. E como Elvira é hábil na arte de lidar, lá se foi de *cambulhada* para a delegacia do 1º. Distrito, onde talvez esteja agora a desafiar as grades para uma sorte... sem exílio.⁶⁶

Fosse de forma individual ou coletiva, a presença espanhola impactou a capital amazonense, nela desenvolvendo experiências de sociabilidades, solidariedades, tensões e conflitos (ainda pouco estudados e conhecidos). Oxalá esta pesquisa, em etapa inicial, possa trazer alguma contribuição e jogar um pouco de luz sobre essas vivências plurais, como, também, motivar outros pesquisadores a enfrentarem o desafio prazeroso da pesquisa e da construção histórica.

¹ FURTADO (1985); WEINSTEIN (1993).

² SANTOS (1980), p. 87-118.

³ Assumimos aqui a percepção do espaço urbano enquanto “fenômeno estruturador de relações sociais, de comportamentos individuais e de práticas coletivas específicas e heterogêneas”. NUNES, 2012. *Migrações e situações de fronteira*. Brasília, CSEM, vol. 1, p. 12.

⁴ O recorte abarca o período de expansão e decadência da economia gumífera, tomando como balizas extremas (1901 e 1921) datas que marcaram, respectivamente, o

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de movilidades

aparecimento do primeiro e do último jornal espanhol publicado no Amazonas. Ambos possuíam o mesmo título (*El Hispano-Amazonense*) e pertenceram ao mesmo editor.

⁵ Uma exceção é o pequeno capítulo sobre os espanhóis em BENCHIMOL (2009). Mais recentemente, a jornalista Carmen Novoa fez publicar um livro de memórias sobre seu pai: SILVA (2010).

⁶ MARTINS (1989). *História*, 121, esp. p. 6.

⁷ De acordo com Lucia Lippi de Oliveira, o fomento à entrada de imigrantes obedeceu basicamente a dois imperativos, sendo o primeiro o de trazer trabalhadores para as fazendas de café; enquanto o segundo estaria voltado para “o incentivo a pequena propriedade agrícola, principalmente nos estados do Sul”. OLIVEIRA (2002), p. 15.

⁸ MARTINS, in ARRUDA et al (2013), esp. 385.

⁹ MARTINS, in ARRUDA et al (2013), p. 391.

¹⁰ BUADES (2016), p. 145.

¹¹ PRADO; CAPELATO, in FAUSTO (1985), pp. 285-307, esp. 299.

¹² HOBBSAWM (2011), esp. pp. 181-90.

¹³ HOBBSAWM (2011), p. 184.

¹⁴ SAYAD (1998), esp. pp. 54-5.

¹⁵ A população amazonense acompanhava essa situação pela imprensa. Em 1909, um jornal local anunciou, por exemplo, que “em Monte Plano [uma região de Madri], 200 operários que se acham sem trabalho, promoveram sérios conflitos, o que motivou a intervenção da polícia”. BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 3 mar. 1909.

¹⁶ HOBBSAWM (2011), p. 58.

¹⁷ MESQUITA (1997), esp. pp. 4-47.

¹⁸ MESQUITA (2009), esp. p. 81.

¹⁹ “Qualquer dos melhoramentos e serviços de uma grande cidade europeia o forasteiro vai imprevisivelmente encontrar nesta cidade, perdida nos recônditos do continente (...). O telefone, o telegrafo (...), o jornalismo, as bibliotecas, o comércio atívisimo, tudo indica que a civilização plantou naquelas alturas do continente semi-inculto um novo marco de sua evolução”. DIAS (1904), esp. p. 116.

²⁰ MAIO; SANTOS (1996).

²¹ Augusto Ximeno Villeroy, antigo governador do Estado, defendeu, por exemplo, ser “um erro aumentar a desordem existente, importando colonos a esmo, sem critério, sem seleção; portanto, para não alterar o caráter fundamental da nacionalidade nascente, convém limitar a colonização aos povos ocidentais, especialmente ibéricos”. VILLEROY, in: MIRANDA (1911), esp. pp. 25-6.

²² FURTADO (1985), pp. 129-35.

²³ SANTOS (1980), p. 93.

²⁴ Esse contingente pode ter sido bem maior – chegando a mais de 30 mil –, pois, como ressaltou o autor, não fizeram parte desse cômputo os “trabalhadores avulsos que chegaram ao local por conta própria”. HARDMAN (1988), esp. pp. 139.

²⁵ SANTOS (1980), p. 95.

²⁶ BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 29 mar. 1908.

²⁷ BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 29 mar. 1908.

- ²⁸ Até 1900, os dados se referem a censos apresentados pelo médico sanitarista Alfredo da Matta. MATTA (1916), esp. pp. 43.
- ²⁹ CAMPOS (1988), esp. pp. 101.
- ³⁰ BENCHIMOL (2010), p. 278.
- ³¹ CAMPOS (1988), p. 25.
- ³² PINHEIRO, in SOUSA et al. (2015), pp. 52-73.
- ³³ PINHEIRO e PINHEIRO (2017), esp. pp. 173-8.
- ³⁴ J. AZPILICUETA (1914). *A Lucta Social*, nº 3. Manaus, 1º jun. 1914.
- ³⁵ Entendemos por imprensa de imigrantes, uma imprensa escrita em língua materna, ou não, produzida por grupos étnicos diferenciados, oriundos de um processo migratório, cuja fala prioritária se dirige para esse grupo.
- ³⁶ Alguns títulos chegaram a publicar número considerável de exemplares, enquanto o *El Español*, de 1903, publicou um único número. No total, perfazem cerca de duas centenas de números identificados e disponíveis para consulta.
- ³⁷ Essa deficiência parece não ser apenas do contexto amazonense, Cánovas afirma que para São Paulo o espanhol foi “ofuscado pelo italiano, de inegável superioridade numérica”. Argumenta ainda que “o imigrante espanhol, cujos números (...) atingiram meio milhão de indivíduos, ingressados especialmente na primeira vintena dos novecentos, permanecia como coadjuvante, como personagem de uma história de reticências. CÁNOVAS, in ARRUDA et al (2013), esp. p. 132.
- ³⁸ BENCHIMOL (2010), esp. p. 111.
- ³⁹ A colônia portuguesa possuía uma comunidade forte, com um bom nível de organização e articulação junto a seus compatriotas e a sociedade amazonense, fundadora de um hospital, que servia não somente a seus sócios mais a toda a comunidade amazonense. PINHEIRO (2015), esp. pp. 52-73.
- ⁴⁰ BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 17 jun. 1905.
- ⁴¹ BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 28 jun. 1905.
- ⁴² A título de exemplo, ver o artigo: “!!! *Abajo Máscaras !!! A la Colonia Española*. BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 24 jun. 1905.
- ⁴³ “Existen en Manaus diversas sociedades, cada cual perteneciente á su nación, la única que hasta hoy no se ha hecho notar, vivicado en la obscuridad ha sido la española; és tiempo do que esta humilde, se haga reproscetar y diga en voz bien alta: Espana no ha muerto. Espana vive! La prueba aquí la tenela en esta bandera que abrazamos; ella representa la Patria y nosotros su hijos defensores, que aunque en lojanas tierras no dejamos de ...tar su nombre”. *La Voz de España*, Manaus, 6 jan. 1901.
- ⁴⁴ ABDALA JÚNIOR; SCARPELLI (2004), esp. p. 11.
- ⁴⁵ BR. *La Voz de España*, Manaus, 6 jan. 1901. O periódico era integralmente escrito em língua espanhola e se dizia “defensor de los intereses de su colônia en el Norte del Brasil”. Manteve sua publicação até 1907, sofrendo durante este período várias interrupções. Infelizmente, poucos números dele foram preservados.
- ⁴⁶ Hermenegildo de Campos, médico sanitarista do período, registrou a situação precária das moradias populares. CAMPOS (1988), p. 100.

- ⁴⁷ Doenças ‘tropicais’, como a febre amarela, atacavam principalmente os imigrantes estrangeiros. Hermenegildo de Campos informa que para o período de 1904 a 1907 faleceram 157 espanhóis, o que significa, aproximadamente 10% da colônia radicada em Manaus. Idem, p. 35.
- ⁴⁸ BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 2 ag. 1893.
- ⁴⁹ Consta nos objetivos da Sociedade “amparar os seus associados contra quaisquer adversidades; prestar auxílios aos Cearenses, associados ou não, que (...) se mostrarem carecedores; socorrer os associados (...) em ocasião de enfermidades, pobreza extrema, ou infortúnio de qualquer natureza. *Diário Oficial*, Manaus, 28 jan. 1897.
- ⁵⁰ Sua diretoria era composta por Antonio Augusto Pérez (presidente), Bartolomé Lozano Escudero (vice-presidente) e Julio Minuesa Merchán (secretário). *Estatutos del Centro Español*. Manaus: Tipografía do Centro Español, 1902, esp. p. 12.
- ⁵¹ BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 17 jun. 1905.
- ⁵² BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 27 ag. 1905.
- ⁵³ SILVA (2010), p.71.
- ⁵⁴ BR. *La Voz de España*, Manaus, 20 jan. 1901.
- ⁵⁵ BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 6 abr. 1919.
- ⁵⁶ BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 18 jan. 1905.
- ⁵⁷ BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 2 dez. 1916.
- ⁵⁸ BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 19 maio 1921.
- ⁵⁹ BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 8 ag. 1918.
- ⁶⁰ “Pedro, perdendo a calma, sacou de um punhal e feriu o contendor pelas costas, vibrando-lhe dois golpes. Evadiu-se em seguida. A polícia chegou pouco tempo depois, encontrando o ferido estendido no solo. O agressor, que desapareceu na ocasião, foi capturado, ontem, pela manhã.” BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 28 ag. 1915.
- ⁶¹ “Avisos úteis: criado – no prédio nº 48 à avenida Eduardo Ribeiro precisa-se de um criado de 12 a 14 anos de idade, prefere-se português ou espanhol”. BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 5 ag. 1906.
- ⁶² Avisos úteis: Cozinha – precisa-se de uma cozinha espanhola ou portuguesa. Rua Demétrio Ribeiro, n. 14; Ama seca – precisa-se de uma com urgência no sobrado d. 14 da rua Mundurucus. Prefere-se nacionalidade espanhola”. BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 20 jun. 1906.
- ⁶³ BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 23 jul. 1907.
- ⁶⁴ BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 05 maio 1918.
- ⁶⁵ MENEZES (1992).
- ⁶⁶ BR. *Jornal do Comércio*, Manaus, 8 fev. 1909.

Referências bibliográficas

- ABDALA JÚNIOR B.; SCARPELLI, M. F. (Orgs.) (2004). *Portos Flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos*, 2004. Cotia/ SP: Atelier Editorial.
- AZPILICUETA, J. (1914). “Impressões”. BR. *A Lucta Social*, nº 3. Manaus, 1º jun. 1914.
- BENCHIMOL, S. (2009). *Amazônia: formação social e cultural*, Manaus, Valer.

Pontes entre Europa e América Latina. Histórias de migrações e de mobilidades/ *Puentes entre Europa y América Latina (XIX-XXI)*. Historias de migraciones y de movilidades

- BUADES, J. M. (2016). *Os Espanhóis*. São Paulo: Contexto.
- CAMPOS, Hermenegildo de (1988). *Climatologia Médica do Estado do Amazonas*. Manaus: Associação Comercial do Amazonas/Fundo Editorial.
- CÁNOVAS, Marília K. (2013). Cartografias do exílio: o imigrante espanhol no movimento massivo e o Brasil como destino, 1880/1930. In: José Jobson de ARRUDA et al: *De colonos a imigrantes. I (E)migração para o Brasil*. São Paulo.
- DIAS, A. (1904). *O Brasil Actual*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- FURTADO, Celso (1985). *Formação econômica do Brasil*, 20ª ed.. São Paulo: Ed. Nacional.
- HARDMAN, F. F. (1988). *Trem Fantasma: a modernidade na selva*, São Paulo, Cia. das Letras.
- HOBBSAWM, Eric (2011). *A Era dos Impérios, 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra.
- MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (Orgs.) (1996). *Raça, ciência e sociedade*. R. Janeiro: Fiocruz.
- MARTINS, I. Lima. (2013). Italianos, espanhóis e portugueses no quadro da grande imigração no Brasil. In: J. J. ARRUDA et al (Orgs). *De Colonos à Imigrantes. A I(E)migração portuguesa para o Brasil*. São Paulo: Alameda.
- MARTINS, J. S. (1989). “A imigração espanhola para o Brasil e a formação da força-de-trabalho na economia cafeeira: 1880-1930”. *História*, 121.
- MATTA, Alfredo (1916). *Geografia e topografia médica de Manaus*. Manaus: Tip. Renaud.
- MENEZES, Lená M. de (1992). *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio* (1890-1930). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- MESQUITA, O. M. (1997). *Manaus: História e arquitetura, 1852-1910*. Manaus: EDUA.
- _____ (2009). *La Belle Vitrine: Manaus entre dois tempos, 1890-1900*. Manaus: EDUA.
- NUNES, B. F. (2012). “Urbanização e Migrações: reflexões gerais para auxiliar a interpretação do fenômeno no Brasil”. Centro Scalabriano de Estudos Migratórios. *Migrações e situações de fronteira*. Brasília, CSEM, 2012, vol. 1, p. 12.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi (2002). *O Brasil dos Imigrantes*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- PINHEIRO, Maria Luísa Ugarte (2015). Portugueses e Ingleses no Porto de Manaus, 1880-1920. In: Fernando de SOUSA, et al. (Orgs): *Portugal e as migrações da Europa do Sul para a América do Sul*. Porto (Portugal): CEPES, pp. 52-73.
- PINHEIRO; Luís Balkar; PINHEIRO, Maria Luísa U. (2017). *Mundos do Trabalho na Cidade da Borracha*. Jundiaí. São Paulo: Paco Editorial.
- PRADO, Maria Lígia; CAPELATO, Maria Helena (1985). A borracha na economia brasileira da Primeira República. In: Boris FAUSTO (Org.). *História Geral da Civilização Brasileira*, vol. 8. São Paulo: DIFEL, pp. 285-307.
- SANTOS, R. (1980). *História econômica da Amazônia, 1800-1920*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- SILVA, C. N. (2010). *Um pai chamado Elias*. Manaus: Valer.
- VILLEROY, A. X. (1911). “Como se deve povoar o solo Amazônico”. In: B. MIRANDA (Org.): *Annaes do Congresso Comercial, Industrial e Agrícola de Manaus*.
- WEINSTEIN, B. (1993). *A borracha da Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. São Paulo: HUCITEC.